

TOPÔNIMOS DE ORIGEM INDÍGENA E AFRICANA NO MÉDIO JE-
QUITINHONHA COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIAShirlene Aparecida da ROCHA¹

RESUMO: O léxico é, dentro dos vários níveis da linguagem, o mais revelador de aspectos históricos e socioculturais de uma região. Este trabalho objetivou a analisar os topônimos da Região Imediata de Araçuaí, a fim de verificar a ocorrência de nomes de origem indígena e africana. Para a análise, foram coletados, por meio de entrevistas orais e cartas geográficas, 252 nomes de lugares que constituem o *corpus* de uma tese de doutorado em andamento, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Como aporte teórico, foram utilizados trabalhos do campo da lexicologia, especialmente da onomástica, cujos principais autores são Sapir (1969), Biderman (2001), Dick (1975, 1990a 1990b), Seabra (2004) e Duranti (2000). Constatou-se que dos 252 topônimos, 20 lexias de origem indígena nomeiam 40 acidentes geográficos e 04 lexias de origem africana dão nome a 06 acidentes geográficos. O estudo permitiu ratificar que prevalecem os topônimos de origem portuguesa que somam 206, embora os indígenas e africanos tenham desempenhado papel fundamental na ocupação e formação da Região. Por outro lado, a existência destes topônimos simboliza a resistência destes povos originários.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico. Topônimos. Médio Jequitinhonha. Resistência.

TOPONYMS OF INDIGENOUS AND AFRICAN ORIGIN IN THE MÉDIO-JEQUITINHONHA
AS SYMBOLS OF RESISTANCE

ABSTRACT: The lexicon is, among the various levels of language, the most revealing of the historical and sociocultural aspects of a region. This article aimed to analyze the toponyms of the Immediate Region of Araçuaí, in order to verify the frequency of names of indigenous and African origin. For the analysis, 252 place names were collected through oral interviews and geographical maps, which comprise the *corpus* of a doctoral thesis in progress at the Federal University of Minas Gerais. As theoretical support, works from the field of lexicology were used, especially onomastics, whose main authors are Sapir (1969), Biderman (2001), Dick (1975, 1990a 1990b), Seabra (2004) and Duranti (2000). It was determined that out of the 252 toponyms, 20 lexemes of indigenous origin give name to 40 landforms and 04 lexemes of African

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos pela UFMG. Professora EBTT IFNMG, *Campus Araçuaí*. Endereço eletrônico: <shirlene.rocha@ifnmg.edu.br>.

origin give name to 06 landforms. The study made it possible to confirm that toponyms of Portuguese origin prevail in the region, amounting to 206, although indigenous and African peoples have played a fundamental role in the settlement and formation of the region. On the other hand, the existence of such toponyms symbolizes the resistance of the original peoples of the area.

KEYWORDS: Lexicon. Toponym. Médio Jequitinhonha. Resistance.

INTRODUÇÃO

Os nomes de lugares de uma região constituem o que chamamos de léxico toponímico e são estudados pela toponímia. Conforme Dick (1990a), dentre os meios importantes para se fazer uma investigação linguística estão os instrumentos onomásticos, dentre os quais a toponímia, “[...] que reflete de perto a vivência do homem, enquanto entidade individual e enquanto membro do grupo que o acolhe [...]” (DICK, 1990a, p.19), sendo os topônimos “[...] verdadeiros testemunhos históricos de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população [...]” (DICK, 1990a, p. 22). Dessa forma, quando estudamos os nomes de lugares, este estudo não se limita apenas à investigação linguística, uma vez que busca desvendar a procedência da significação dos nomes, considerando os aspectos históricos e socioculturais que determinaram tal escolha lexical. Por isso a relevância da pesquisa toponímica tanto no âmbito linguístico quanto na análise histórica, social e cultural de uma comunidade.

Nesta pesquisa, buscamos identificar e analisar os topônimos de origem indígena e africana que ainda fazem parte do léxico toponímico da região Imediata de Araçuaí que integra o Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. O Vale do Jequitinhonha é uma região originária da mistura de habitantes nativos indígenas da raça tapuia, dos bandeirantes paulistas, do sertanejo baiano, do negro de Angola, portanto, com várias heranças históricas e so-

cioculturais. Acreditamos que a forma de ocupação e de povoamento, assim como outros aspectos históricos e socioculturais da região, favorecem a compreensão da multidimensionalidade da língua.

Sobre o Vale do Jequitinhonha, onde se realizou a pesquisa, trata-se de uma região estigmatizada como Vale da miséria. Estereótipo que se deu em virtude de os meios de comunicação levarem em consideração, para definir a região, apenas os índices socioeconômicos, provocados pela falta de investimentos em saúde, educação, saneamento etc. No entanto, existe outra nuance que não era reconhecida até a década de 70 que é a riqueza “natural” da região, principalmente, no que se refere à fauna, à flora e à efervescência cultural, manifestada por diversos artistas e em vários lugares do país, por meio de corais e coralistas, artesãos e artistas plásticos, dentre outros.

O vale do Jequitinhonha fica no Nordeste de Minas Gerais e é dividido em 3 áreas: Alto Jequitinhonha, Médio Jequitinhonha e Baixo Jequitinhonha. A formação da região de Jequitinhonha, não diferente da formação de Minas Gerais, se deu por volta do séc. XVII, no ápice da atividade de mineração, o ciclo das Grandes Bandeiras. Durante a incessante busca por ouro e por pedras preciosas foram formando pequenos povoados em volta do Rio Jequitinhonha, constituindo, assim, os primeiros núcleos populacionais.

Antes da vinda dos migrantes de várias regiões em busca de pedras preciosas, no início do século XVIII, o Jequitinhonha era povoado apenas pelos indígenas, que viviam do que lhes era oferecido pela natureza. Conforme Veloso e Matos (2013), a ocupação da região foi favorecida pela condição de perenidade de seus rios se comparados aos rios da Bahia. Guimarães (1960) explicita que os caminhos dos navegantes eram preferencialmente por vias que possuíam águas, por isso a navegação pelos va-

les que, além de possuir fontes perenes de água, ofereciam menos riscos, pois eram livres de possíveis obstáculos do relevo.

Durante o ciclo do ouro de Minas, diversos africanos foram trazidos à força da África e foram escravizados por uma pequena camada dominante, geralmente portugueses, sendo obrigados a viver em condições subumanas e a fazer o serviço pesado de mineração. A ocupação da região se deu com a chegada das bandeiras paulistas às Minas Gerais, no final do século XVII, quando se iniciou o ciclo da mineração no alto Jequitinhonha, sendo descobertas as primeiras minas no Arraial do Tijuco, hoje Diamantina.

O Vale do Jequitinhonha é uma das primeiras regiões ocupadas em Minas Gerais. De acordo com uma reportagem do Estado de Minas em 2017, a corrida para povoar o local se deu em 1727 depois da descoberta de pepitas pelos bandeirantes liderados pelo paulista Sebastião Leme do Prado. O bandeirante comunicou o achado ao governador baiano e não mineiro, mesmo a região pertencendo à província das Gerais, passando a região pertencer à Jacobina (BA) em 1730, ficando assim até 1757, quando voltou a pertencer a Minas. Dessa forma, o Vale do Jequitinhonha já foi capitania de Porto Seguro, depois teve uma parte passada para São Paulo, posteriormente a Minas Gerais, em seguida à Bahia e novamente de Minas Gerais.

REVISÃO DE LITERATURA

O ATO DE NOMEAR E A ONOMÁSTICA

Nomear é uma prática rotineira e que existe desde os primeiros tempos. A partir da necessidade de identificar os objetos e as situações, foram aparecendo os nomes. A cada dia que se passa surge a necessidade de se criar termos. Isso porque, conforme Barros (2004), o surgimento ou desaparecimento de algumas palavras tende a acompanhar as mudanças que ocor-

rem na sociedade, portanto, "[...] a cada nova invenção, a cada nova situação, atividade, produto, serviço, reivindicação, lei etc., surgiram novos termos correspondentes." (BARROS, 2004, p.26).

Um dos domínios da lexicologia é o da nomeação, que se ocupa do estudo dos nomes. O termo <onoma>, atual conceito de nome, segundo Lyons (1977), surgiu no século II a.C., aparecendo na primeira gramática sistematizada por Dionísio, o Trácio, e era utilizado para designar tanto seres individuais como atividades humanas e objetos, mas, posteriormente, estes grupos se tornaram distintos e divididos em nome próprio e nome comum, ambos desdobráveis em subgrupos diferenciados uns dos outros.

Os nomes próprios, de acordo com Jonasson (1994), apresentam algumas especificidades, como introdução por maiúscula, flexão fixa, ausência de determinação em função referencial, falta de sentido lexical e designação de pessoas e lugares, que os difere dos nomes comuns. Mas sejam próprios ou comuns, fazem parte do repertório de unidades lexicais de uma língua, e a este conjunto de lexias chamamos léxico. E, nas palavras de Ferraz (2016):

Da língua, o léxico é o componente que se relaciona mais estreitamente com o conhecimento do mundo. Ao longo de toda a vida, estamos sempre a incorporar, por meio do léxico, o conhecimento de que necessitamos para nos relacionarmos com o mundo extralinguístico. O léxico de uma língua é constituído de unidades criadas a partir da necessidade, expressa pelos grupos sociais, de interação com o universo sociocultural, e por isso mesmo essas unidades, emanadas desses grupos, carregam informações diretamente relacionadas às experiências humanas. (FERRAZ, 2016, p.10)

Dessa forma, mais do que nomear, o léxico pode nos revelar aspectos físicos e sociais do falante de determinada comunidade, o que é corroborado

pelo pensamento de Sapir (1969) que afirma que o léxico de uma língua claramente reflete o ambiente físico e social de seus falantes. Assim, o seu estudo possibilita não só o resgate linguístico da fala vigente nas diversas comunidades, mas também a sua memória histórica, social, econômica, política, cultural, etc. Isso porque, quando nomeamos e caracterizamos o mundo que nos rodeia, a palavra registra e torna perene a nossa cultura — o que faz dela “senhora” da tríplice coroa: do passado, do presente e do futuro.

Por ser o léxico um sistema aberto, sempre surgirão novos termos com que se nomeia e será cada vez mais difícil encontrar todos estes termos dicionarizados, principalmente, pelo fato de alguns fazerem parte apenas de uma comunidade específica. Isso mostra a dinamicidade do léxico, sobre a qual Biderman (2001) assim se pronuncia:

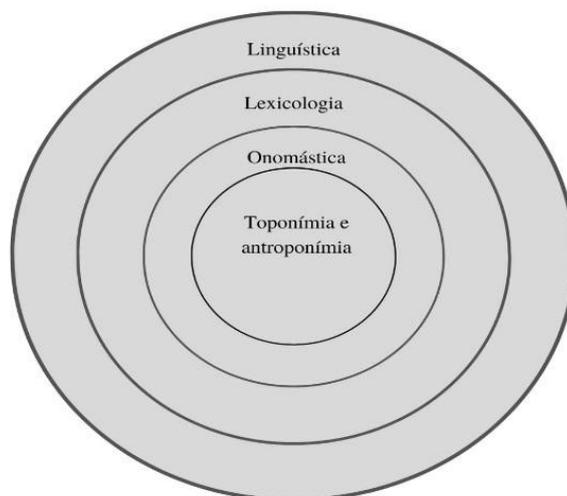
O léxico é um sistema aberto e em expansão. Incessantemente novas criações são incorporadas ao léxico. Só existe uma possibilidade para o sistema lexical se cristalizar: a morte da língua. Foi o que sucedeu ao latim. Se a língua, porém, continuar a existir como meio de comunicação oral (e também escrito), seu léxico se ampliará sempre. Por essa razão, não se poderá censurar em demasia os lexicógrafos se os seus dicionários não registrarem todos os vocábulos e significados que estão em uso na língua, pois tal obra é praticamente inexequível. (BIDERMAN, 2001, p.203)

Diante da afirmação da linguista, inferimos que os nomes de lugares, por fazerem parte do léxico, podem sofrer alterações, mudanças ou serem renomeados, por diversos motivos, como mudança de alguma característica física do lugar, maior identificação com o novo nome, entre outros.

Os nomes dos lugares são estudados pela toponímia. Em síntese, como área da linguística, responsável pelo estudo científico da linguagem humana em sua totalidade e, se interessa por todas as línguas, em todos os seus níveis e mo-

dalidades, temos a lexicologia. A lexicologia é o ramo que se ocupa do estudo das palavras quanto à sua formação, derivação, etimologia e significado, ou seja, estuda cientificamente o vocabulário. Faz parte da Lexicologia a onomástica, responsável pelo estudo e investigação linguística dos nomes próprios em geral. Por sua vez, a onomástica possui 2 subáreas principais: a antroponímia – que estuda os nomes próprios de pessoa e a toponímia que realiza o estudo linguístico ou histórico de nomes próprios de lugares, sua origem e evolução.

Figura 1: toponímia < onomástica < lexicologia < linguística.



Fonte: elaboração própria

O estudo dos nomes próprios de lugares e pessoas são de responsabilidade da toponímia e antroponímia, respectivamente. Nesta pesquisa, nosso foco é a toponímia, ou seja, o estudo dos nomes de lugares, sejam córregos, rios, fazendas, comunidades rurais, distritos ou municípios da região Imediata de Araçuai, no Médio Jequitinhonha.

A TOPONÍMIA

No que diz respeito aos nomes próprios de lugares, Dick (1990b), uma das mais conceituadas estudiosas da onomástica toponímica, ressalta que o topônimo, além de proporcionar ao homem um maior contato com o acidente nomeado, estabelece uma inegável relação de posse entre possuidor e objeto denominado.

A Toponímia, formada por <topos> (lugar) e <onoma> (nomes), é um componente da onomástica. Inicialmente o objetivo da toponímia era analisar a etimologia dos nomes dos lugares que eram chamados de nomes geográficos. Com a evolução dos estudos toponomásticos, foi-se ampliando a área de estudo e, atualmente, busca também explicar os processos de constituição dos topônimos e a motivação das escolhas e os aspectos linguísticos, históricos e socioculturais desses topônimos. Ou seja, mais do que saber de onde veio o nome, investiga-se qual é a relação deste nome com o ambiente físico do lugar e os aspectos históricos, sociais e culturais. Dessa forma, o topônimo não apenas identifica um lugar, mas também revela aspectos físicos e antropoculturais do lugar nomeado.

Apesar de, na França, desde 1978, a toponímia ter sido uma disciplina científica introduzida na *École Pratique des Hautes-Études* por Auguste Longnon, apenas 48 anos após, surgiram as primeiras diretrizes para estudos toponomásticos, com um dos pioneiros no estudo da Onomástica, Albert Dauzat (1926) para quem:

[...] a toponímia, conjugada com a história, indica ou torna precisos os movimentos antigos dos povos, as migrações, as áreas de colonização, as regiões onde tal ou tal grupo linguístico deixou seus vestígios. [...] Ela nos ensina como se operou a aculturação do solo nas épocas gaulesa, galo-romana e franca; ela nos informa sobre as relações entre o homem e a terra, fazendo

presentir desde o século III, através de uma simples mudança de nomes de fortalezas, toda a germinação do regime feudal. (DAUZAT, 1926, p. 7 *apud* FAGGION; MISTURINI, 2014, p. 149)

Dauzat (1926) já deixava claro que os topônimos estabelecem uma relação com a história e cultura de um povo e a nomeação se dava por séries lógicas e categorias históricas. Assim sendo ele apresentou uma proposta de divisão dos topônimos franceses em dois campos de influências: o da geografia física e o da geografia humana.

Leite de Vasconcellos (1931) foi quem propôs, em Portugal, classificar os nomes de lugares em três seções: a) por línguas; b) por modos de formação dos topônimos e; c) por categorias, segundo as causas de origem. Assim como Dauzat (1926), o autor ressaltava a importância dos nomes geográficos como fonte de resgate das características naturais e socioculturais do meio ambiente em que se encontravam registrados.

O toponimista americano George Stewart foi um dos pioneiros a estudar os topônimos indígenas. Em 1954, ele estudou o processo como se dá o nome: “*All naming of places stems from one basic motive, that is, the desire to identify a place and thus distinguish it from others*” (Stewart, 1954, p. 46), ou seja, todo ato de nomear um lugar tem como motivo básico identificar este lugar e o distinguir dos outros nomes. Diante disso, propôs 9 categorias para classificar os nomes de lugares: 1) *Descriptive names* (nomes descritivos); 2) *Possessive names* (nomes possessivos); 3) *Incident names* (nomes incidentais); 4) *Commemorative names* (nomes comemorativos); 5) *Euphemistic names* (nomes eufemísticos); 6) *Manufactured names* (nomes construídos); 7) *Shiftnames* (deslocamento, transferência); 8) *Folk-etymologies* (falsas etimologias) e 9) *Mistake-names* (erro).

No Brasil, os primeiros estudos sobre os topônimos tiveram início com a obra *Tupi na geografia nacional*, de Theodoro Sampaio em 1901. Em 1960, 59 anos mais tarde, Levy Cardoso escreveu *Toponímia brasílica* (1960). Conforme Andrade (2010), desde 1944, a disciplina toponímia já fazia parte da grade curricular da Universidade de São Paulo (USP). No entanto, ainda eram poucos os estudos toponímicos realizados no Brasil e, quando realizados, não tinham um rigor metodológico, rigor este que começou com a pesquisadora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick.

Diante desse contexto, Dick (1990a) viu a necessidade de buscar modelos taxonômicos para um agrupamento macroestrutural dos topônimos. A autora fez algumas considerações na obra *O problema das taxonomias toponímicas*. Uma contribuição metodológica, através da qual apresentou um quadro classificatório, utilizando as terminologias “elemento genérico” e “elemento específico”. Em 1975, Dick propôs a primeira versão: uma taxonomia toponímica composta por dezenove *taxes*, com o intuito de preencher lacunas não contempladas na proposta de Stewart (1954), marcando assim uma nova fase para os estudos toponímicos no Brasil. Em 1986, na segunda versão, as *taxes* foram ampliadas para vinte e sete, agrupadas em duas categorias:

Quadro 1: Modelo de classificação taxonômica

Natureza	Tipo	Descrição	Exemplo
Física	Astrotopônimos	topônimos relativos aos corpos celestes em geral	Rio da Estrela
	Cardinotopônimos	topônimos relativos a posições geográficas em geral	Lagoa do Sul
	Cromotopônimos	topônimos relativos à escala cromática	Rio Pardo
	Dimensiotopônimos	topônimos relativos às características dimensionais como extensão,	Morro Alto.

		comprimento, largura, grossura, espessura, altura, profundidade	
	Fitotopônimos	topônimos de índole vegetal	Ribeirão do Café
	Geomorfotopônimos	topônimos relativos à formas topográficas como elevações, depressões do terreno e formações litorrâneas	Monte Azul, Baixada, Angra dos Reis
	Hidrotopônimos	topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral	Serra das Águas
	Litotopônimos	topônimos de índole mineral	Barreiro
	Meteorotopônimos	topônimos relativos a fenômenos atmosféricos	Serra do Vento
	Morfotopônimos	topônimos que refletem o sentido de forma geográfica	Ilha Quadrada
	Zootopônimos	topônimos de índole animal, individual ou em grupo da mesma espécie	Vacaria
Antropocultural	Animotopônimos ou Nootopônimos	topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria prima fundamental, e em seu aspecto mais importante não pertence à cultura física	Cachoeira da Saudade, Belo Campo
	Antropotopônimos	topônimos relativos aos nomes próprios individuais (prenomes, hipocóricos, prenome+alculha, apelido de família ² , prenome+apelido de família)	ilha Chiquita
	Axiotopônimos	topônimos relativos aos títulos e dignidades de	Presidente Prudente

² O mesmo que sobrenome.

		que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais	
	Corotopônimos	topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes	Brasil
	Cronotopônimos	topônimos que se encerram indicadores cronológicos, representados em toponímia, pelos adjetivos novo/ nova, velho/velha	rio Novo Mundo.
	Dirrematopônimos	topônimos constituídos ou enunciados linguísticos	Há Mais Tempo
	Ecotopônimos	topônimos relativos às habitações de um modo geral	Casa da Telha
	Ergotopônimos	topônimos relativos aos elementos da cultura material	Flecha
	Enotopônimos	topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas)	Guarani
	Hierotopônimos	topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: cristã, hebraica, maometana, etc. Apresenta duas subdivisões: <i>hagiotopônimo</i> , relativo a santos e santas e <i>mitotopônimo</i> , relativo a entidades mitológicos.	Cristo Rei Santa Tereza ribeirão do Saci
	Historiotopônimos	topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes	Independência
	Hodotopônimos	topônimos relativos às	Estradas

	ou Odotopônimos	vias de comunicação rural ou urbana	
	Numerotopônimos	topônimos relativos aos adjetivos numerais	Duas Barras
	Poliotopônimos	topônimos constituídos pelos vocábulos Vila, Aldeia, Cidade, Povoação, Arraial	rio da Cidade
	Sociotopônimos	topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade (largo, pátio, praça)	Sapateiro
	Somatotopônimos	topônimos empregados em relação metafórica à partes do corpo humano ou do animal	Pé de Boi

Fonte: Elaborado a partir de Dick (1990b)

A partir desta proposta de Dick, vários outros trabalhos foram realizados e pesquisadoras como Seabra, Isquerdo e Castro vêm desenvolvendo pesquisas de extrema relevância para o conhecimento da toponímia do Brasil. Dentre estes trabalhos, estão os atlas toponímicos como o ATB (*Atlas Toponímico do Brasil*)³; o ATEMIG (*Atlas Toponímico de Minas Gerais*)⁴; o ATEMA (*Atlas Toponímico do Estado do Maranhão*) e ATEMS (*Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul*), estes dois supervisionados pela professora Dra. Aparecida Negri Isquerdo, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), dentre outros.

Na sequência, são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento deste estudo, que analisou a ocorrência de nomes de origem indígena e africana na toponímia do Médio Jequitinhonha.

3 De alcance geral, proposto por Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick.

4 Proposto e coordenado pela Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os dados apresentados e analisados neste artigo são recorte de uma tese de doutorado, em andamento na Universidade Federal de Minas Gerais. Os 252 topônimos constituem o *corpus* da tese e foram coletados através de 24 entrevistas orais semiestruturadas, com moradores acima de 18 anos, residentes há mais de 15 anos em um dos 08 municípios que compõem a Região Imediata de Araçuaí e através de cartas geográficas da região. As entrevistas foram realizadas presencialmente ou por telefone, após aprovação na Plataforma Brasil através do parecer 4.512.831.

Depois de coletados os dados, foram selecionados os topônimos que são de origem indígena ou africana, que serão apresentados e analisados na próxima seção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Dos 252 topônimos, *corpus* da tese, 28 lexias distintas de origem indígena nomeiam 40 acidentes geográficos e 04 lexias de origem africana dão nome a 06 acidentes, conforme quadro abaixo:

Quadro 2: Lista de topônimos de origem indígena e africana

<i>Topônimos de origem indígena</i>	<i>Topônimos de origem africana</i>
1. Alto <i>Caititu</i> (comunidade)	1. Córrego do <i>Candongá</i> (comunidade)
2. <i>Araçuaí</i> (rio)	2. <i>Candongá</i> (chapada)
3. <i>Araçuaí</i> (município)	3. <i>Candongá</i> (córrego)
4. Cabeceira de <i>Zabelê</i> (comunidade)	4. <i>Mandinga</i> (comunidade)
5. <i>Caititu</i> (comunidade)	5. <i>Quilombo</i> (comunidade)
6. <i>Capão</i> (comunidade)	6. São João de <i>Quelé</i> (comunidade)
7. <i>Catutiba</i> (comunidade)	
8. <i>Cipó</i> (comunidade)	
9. <i>Cipó</i> (córrego)	

<p>10. <i>Gravatá</i> (comunidade) 11. <i>Gravatá</i> (córrego) 12. <i>Humaitá</i> (comunidade) 13. <i>Irapé</i> (usina) 14. <i>Itinga</i> (município) 15. <i>Itinga</i> (rio) 16. <i>Itinginha</i> (comunidade) 17. <i>Itinginha</i> (córrego) 18. <i>Itira</i> (distrito) 19. <i>Jacaré</i> (distrito) 20. <i>Jatobá</i> (comunidade) 21. <i>Jenipapo</i> (comunidade) 22. <i>Jenipapo</i> (córrego) 23. <i>Jenipapo de Minas</i> (município) 24. <i>Jequitibá</i> (comunidade) 25. <i>Jequitinhonha</i> (rio) 26. <i>Jirau</i> (comunidade) 27. Lagoa <i>Zabelê</i> (comunidade) 28. <i>Mocó dos Pretos</i> (comunidade) 29. <i>Moquém</i> (comunidade) 30. <i>Muçambê</i> (córrego) 31. <i>Mutuca</i> (comunidade) 32. <i>Piabanha</i> (comunidade) 33. <i>Piauí</i> (rio) 34. <i>Samambaia</i> (comunidade) 35. Santana do <i>Araçuaí</i> (comunidade) 36. <i>Sucuriú</i> (rio) 37. <i>Tamanduá</i> (comunidade) 38. <i>Taquaral de Minas</i> (distrito) 39. Vale do <i>Jequitinhonha</i> (mesorregião) 40. <i>Zabelê</i> (comunidade)</p>	
---	--

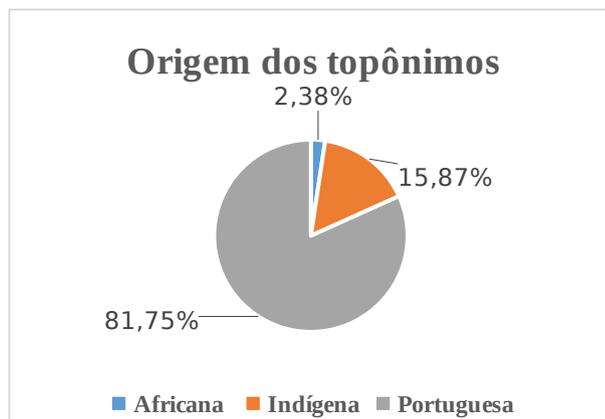
Fonte: elaboração própria, 2022.

No quadro acima, constatamos que algumas lexias de origem indígena nomeiam mais de um acidente geográfico: *Araçuaí* nomeia um rio, um município e faz parte do topônimo composto Santana do *Araçuaí*, que

nomeia uma comunidade; Cipó, Gravatá e Itinguinha nomeiam córrego e comunidade; Jenipapo nomeia um córrego, uma comunidade e integra o nome do município Jenipapo de Minas; Itinga nomeia um rio e um município; Zabelê nomeia uma comunidade e está no nome de mais duas comunidades Cabeceira de Zabelê e Lagoa Zabelê, assim como Caititu e Alto Caititu. O mesmo acontece com lexias de origem africana em que Candonga nomeia uma chapada, um córrego e uma comunidade.

Quantitativamente temos 40/252 topônimos de origem indígena, ou seja, 15,87% e 6/252 topônimos de origem africana, que equivale a 2,38% do número total de topônimos da região e a maioria dos topônimos é de origem portuguesa, 206/252, isto é, 81,75%, conforme demonstrado abaixo.

Gráfico 01: origem dos topônimos



Fonte: elaboração própria, 2022.

O fato de a presença dos topônimos de origem indígena e de origem africana ainda prevalecerem no Médio Jequitinhonha é símbolo de resistência dos primeiros povos que habitaram a região, que foram os negros escravizados e os nativos indígenas encontrados na região, quando chegaram os

colonizadores. Os portugueses utilizavam o termo genérico Botocudos, para chamarem de forma pejorativa os diferentes grupos indígenas pertencentes ao tronco macro-jê. Conforme Pereira (1969), esse apelido lhes fora atribuído devido aos adornos de pau que eles utilizavam nos lábios, que se assemelhavam aos batoques⁵ das pipas.

Muitos desses indígenas foram exterminados da região, em torno dos anos de 1808 até 1819, início e fim da pseudo Guerra Justa, uma política indigenista do Governo da época. Esta política teve como objetivo atender às inúmeras reclamações dos colonizadores, que eram impedidos de habitarem a região pelos nativos, que construía barreiras. Segundo a indigenista Geralda Chaves (1992) aconteceu na região o maior massacre de indígenas. Através da carta régia, Dom João VI ordenou que fosse uma guerra ofensiva e para isso criou 06 quartéis militares para, dentre outras ações: reduzir os nativos, escravizar os indígenas encontrados armados, pagar salário maior a quem não permitisse a invasão de botocudos, matando-os e isentar de pagamento do dízimo por 10 anos para quem tomasse mais terras.

Atualmente existe apenas a aldeia Cinta Vermelha Jundiba na região, mas não são os nativos. Esta aldeia é formada por indígenas das etnias Pankararu e Pataxó, composta por poucos núcleos familiares. Conforme Liberato e Rocha (2012) “[...] a aldeia Cinta Vermelha-Jundiba (CVJ) representa um caso único no Brasil. Pela primeira vez, um grupo de indígenas formado por diferentes grupos étnicos (Pataxó e Pankararu) se uniu e comprou sua própria terra [...]” (LIBERATO e ROCHA, 2012, p.1), ou seja, não existem mais nativos da região. Assim sendo, ainda existirem vestígios linguísticos destes povos nativos na toponímia do Médio Jequitinhonha significa que apesar de

5 Conforme Luiz Santiago estes batoques eram feitos da madeira da barriguda, uma espécie de paineira.

todo a matança, destituição de suas terras e humilhação, estes povos se mantiveram resistentes, através da língua, o que se comprova com a manutenção de mais de 15% de topônimos de origem indígena.

Outros povos que participaram da ocupação e povoamento do Médio Jequitinhonha e ainda têm presença marcante na região, são os negros que foram trazidos à força da África que escravizados por uma pequena camada dominante, geralmente portugueses, para desenvolverem o trabalho pesado durante o ciclo da mineração em Minas. Viviam em condições subumanas. Com o fim do ciclo da mineração, no século XIX, começaram a habitar as matas densas da região, formando comunidades quilombolas. Atualmente, espalhadas pelo Jequitinhonha, segundo o CEDEFES (2007), estão 115 comunidades, sendo o Jequitinhonha a região que possui a 3ª maior concentração de quilombos do Brasil. Segundo Fogaça (2017), Berilo, no Médio Jequitinhonha, é o município que mais possui comunidades quilombolas.

Os negros trouxeram para a região, além da mão de obra escrava, uma grande contribuição de atividades como músicas, danças, festas e cantos que só enriqueceram a cultura do Vale, além de lutarem incansavelmente para preservarem a memória de seus antepassados e terem garantidos os direitos que lhe são devidos. Além das atividades culturais que foram citadas, os africanos contribuíram muito para o léxico português. Na toponímia do Médio Jequitinhonha, ainda que em um percentual muito baixo, 2,38%, estes vestígios linguísticos revelam a relevância destes povos para a formação da região.

Apresentamos abaixo o significado dos topônimos, que nos permite identificar sua motivação semântica e classificá-los.

Quadro 3: definição das lexias de origem indígena e africana

<i>Lexias de origem indígena</i>	<i>Lexias de origem africana</i>
<p>1. <i>Araçuaí</i> – s.c. Araçoayá-y, rio do chapéu ou doocar. Alt.Arassuahy. Sampaio (1987[1901], p.198).</p> <p>2. <i>Caititu</i> – porco do mato da família dos taiaçuídeos, do tupi taite'tu. Cunha (1976, p.113.)</p> <p>3. <i>Capão</i> – corruptela de caá-pãu, a ilha do mato o mato crescido e isolado. Sampaio (1987[1901], p.215).</p> <p>4. <i>Catutiba</i> – <i>catu</i> adjetivo bom, bonito. <i>Tyba</i> exprime abundância equivale pelo sufixo português al ou eiro. Sampaio (1987[1901], p. 220 e 89).</p> <p>5. <i>Cipó</i> – corruptela de içá-pó, literalmente galho-mão, que é o mesmo que dizer galho apreensor que tem a propriedade de se prender, de se enlear. Sampaio (1987[1901], p. 223).</p> <p>6. <i>Gravatá</i> – corruptela de Carauá-tã, o carauá rijo, duro. Sampaio (1987[1901], p. 217).</p> <p>7. <i>Humaitá</i> – corruptela Mbaitá, o papagaio pequeno, também conhecido por maitaca (<i>psittacus cyanogastrea</i>). Sampaio (1987[1901], p. 242).</p> <p>8. <i>Irapé</i> – <i>eîrarápé</i>, que significa "caminho das iraras" (<i>eîrara</i>, "irara" + <i>pé</i>, "caminho" Navarro (2013, p. 570).</p> <p>9. <i>Itinga</i> – corruptela Y-tinga, a água branca; o rio branco. Sampaio (1987[1901], p. 261).</p> <p>10. <i>Itinguinha</i> – diminutivo da corruptela Y-tinga, a água branca; o rio branco. Sampaio (1987[1901], p. 261).</p> <p>11. <i>Itira</i> – que de acordo com Sampaio (1987[1901], p. 261) é o mesmo que <i>atyra</i>, elevação; o cabeça; o cúmulo; o monte. Sampaio (1987[1901], p. 261).</p> <p>12. <i>Jacaré</i> – corruptela <i>ya-caré</i>, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, <i>y-echá-caré</i>, aquele que olha de banda. (<i>crocodillus sclerops</i>). Sampaio (1987[1901], p.263).</p> <p>13. <i>Jatobá</i> – corruptela <i>yatay-ybá</i>, contrato em <i>yat-ybá</i>, o fruto do <i>yatahy</i> que se chama moça-branca (mosca-branca). Sampaio, (1987[1901], p.268).</p> <p>14. <i>Jenipapo</i> – corruptela yanipab ou yandipab, podendo escrever-se nhandipab, que se decompõe</p>	<p>1. <i>Candonga</i> – “fuxico; falsidade, manha, lisonja enganosa”; e “bem-querer, benzinho, amor, a pessoa querida, tratamento dado a mulheres jovens”. Em Castro (2005, p. 196).</p> <p>2. <i>Mandinga</i> – feitiço, talismã para fechar o corpo. Mendonça (1935, p. 213).</p> <p>3. <i>Quelé</i> – espécie de colar em palha-da-costa que os iniciandos usam em sinal de sujeição. Castro (2005, p.319).</p> <p>4. <i>Quilombo</i> – substantivo masculino: povoação fortificada dos negros fugidos ao cativoiro. Rohan deriva-os da língua bunda sem menção de étimo que afirmamos ser quilombo, povoação em quimbundo. Mendonça (1935, p. 236).</p>

yandi-ipab e significa fruto das extremidades que dá suco. Sampaio, (1987[1901], p.232).

15. *Jequitibá* - corruptela *Yiki-t-ybá*, o fruto de jiqui, isto é, fruto com a forma de covo. O fruto do jequitibá é pequeno e afunilado à semelhança de um jiqui. É a árvore gigante do Brasil. (couratari legalis). Alt. *Jequitibá*. Sampaio (1987[1901], p.269).

16. *Jequitinhonha* - corruptela *Yiki-tinhonha*, o covo mergulhado, ou assentado n'água. Cf Sampaio (1987[1901], p.270).

17. *Jirau* - *Girao*, corruptela *y-rau*, suspenso d'água ou da umidade. Construção sobre forquilhas para evitar os efeitos da água ou da umidade; estrato feito de varas. Sampaio (1987[1901], p.233).

18. *Mocó* - corruptela de mo-coó, bicho que rói, animal roedor, (cavia rupestres). Sampaio 1987[1901], p. 284).

19. *Moquém* - corrupetela de *mocae* ou *mô-caê*, faz que seque, o secadouro, o assador, gradeado de varas sobre brasas para assar a caça ou peixe. Alt. Muquem. Sampaio (1987[1901] p. 285).

20. *Muçambê* - substantivo masculino-planta da família das caparidáceas (*cleome heptaphylla*) do tupi *musãbe*. Antenor Nascentes (1976, p. 1121).

21. *Mutuca* - é um termo de 1547 originado do tupi um'tuka e significa nome comum dado às moscas da família dos tabanídeos. Cunha (2010, p. 443).

22. *Piabanha* - corruptela de piá-bã, o que é manchado. Batista Caetano. Nome de um peixe fluvial. Sampaio (1987[1901], p. 299).

23. *Piauí* - corruptela de *py-yáu-y*, o rio dos piaus. Sampaio (1987[1901], p. 300).

24. *Samambaia* - corruptela de çama-mbai, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito; cordas emaranhadas; alusão à trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (*Felix herbácea*). Sampaio (1987[1901], p. 311).

25. *Sucuriú* - corruptela de *Çuucurí-yu*, forma contraída de *çuucuri-yuba*, a sucuri amarela. Sampaio (1987[1901], p. 316).

26. *Tamanduá* - nome de origem tupi e que significa "nome comum a diversas espécies de mamíferos do gênero *Myrmecofaga*, de ordem dos desdentados.

<p>Beaurepaire Rohan (1956[1889], p. 223). 27. <i>Taquaral</i> – é um substantivo masculino (províncias meridionais) “mata de taquara. Nas províncias do Norte dizem tabocal”. Beaurepaire Rohan (1956[1889], p. 226). 28. <i>Zabelê</i> – o nome da ave <i>Crypturus noctivagus</i>, espécie de nambu. Sampaio (1987[1901], p. 347).</p>	
---	--

Fonte: elaboração própria, 2022.

A partir das definições acima, conforme as taxes sugeridas por Dick (1990b) e que se encontram neste trabalho, em relação à classificação toponímica dos nomes de origem indígena e africana, constatamos:

Quadro 4: classificação taxonômica dos nomes de origem indígena e africana

<i>Topônimos de natureza física (35/46)</i>	<i>Topônimos de natureza antropocultural (11/46)</i>
1. <i>Fitotopônimos (13)</i> : Capão, Cipó (córrego), Cipó (comunidade), Gravatá (córrego), Gravatá (comunidade), Jatobá, Jenipapo (córrego), Jenipapo (comunidade), Jenipapo de Minas (município), Jequitibá, Muçambê, Samambaia e Taquaral de Minas	1. <i>Animotopônimos (03)</i> : Candonga (chapada), Candonga (córrego) e Candonga (comunidade).
2. <i>Geomorfotopônimos (03)</i> : Alto Caititu, Itira e Vale do Jequitinhonha (mesorregião).	2. <i>Etnotopônimo (01)</i> : Mandinga.
3. <i>Hidrotopônimos (09)</i> : Araçuaí (rio), Araçuaí (município), Cabeceira de Zabelê, Ijicatu, Itinga (rio), Itinga (município), Itinguinha (córrego), Itinguinha (comunidade), Lagoa de Zabelê.	3. <i>Ergotopônimos (03)</i> : Jequitinhonha, Jirau e Moquém.
4. <i>Zootopônimos (10)</i> : Caititu, Humaitá, Jacaré, Mocó dos Pretos, Mutuca, Piabanha, Piauí, Sucuriú, Tamanduá, Zabelê.	4. <i>Hagiotopônimos (02)</i> : Santana do Araçuaí São João de Quelé.
	5. <i>Hodotopônimo (01)</i> : Irapé,

Fonte: elaboração própria, 2022.

Nas taxonomias, prevaleceram as de natureza física, com as 3 maiores ocorrências de fitotopônimos com 13/46; os zootopônimos aparecem em segundo lugar com 10/46 e em terceiro lugar estão os hidrotopônimos com 09/46 ocorrências, o que demonstra toda a relação do indígena com o ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu constatar que ainda existem vestígios da herança linguística indígena e africana no Médio Jequitinhonha, reveladas pelo léxico toponímico da região. Estes vestígios de origem indígenas são alguns nomes de origem tupi entre o grande número de nomes portugueses. Nomes tapuias, botocudos, que foram os nativos da região, não foram encontrados. Sampaio já previa este fato ao afirmar que “[...] na região mineira, entre a zona litorânea e a serra do Espinhaço, que foi o país dos Botocudos, dos Poris e de numerosas tribos tapuias, já a raridade dos nomes selvagens na geografia local ressalta logo.” (SAMPAIO (1985[1901] p. 72). “Prevalecem denominações portuguesas entre alguns nomes tupis. Dificilmente se encontrará aí um nome tapuia, botocudo, pori ou camacã, designando um monte, um rio ou um povoado.” (SAMPAIO, 1985[1901], p. 72).

No entanto, em 2022, depois de tantos anos do extermínio destes nativos, nos deparamos com 40/252 nomes de origem indígena no léxico toponímico do Médio Jequitinhonha, mais uma vez nos mostra a resi-

liência, a resistência de povos nativos manifestada a partir da língua com a preservação de topônimos. Isso porque, segundo Soares (1992), ser indígena foi por muito tempo um sinônimo de vergonha, como se o indígena não fosse gente, fazendo com que nativos usassem frases que ainda hoje muitos repetem, como “eu não sou índio não, minha avó, meu avô e minha mãe era, mas pai já era civilizado”, ou ainda, “Minha vó, coitada! Não sabia nada, era bugra, fui pega no laço e criada numa fazenda. O filho do dono da fazenda é que tirou ela de casa. Ela teve minha mãe”. “Meu avô foi aldeado em São Miguel... virou gente.” (SOARES, 1992, p.17-18).

Neste estudo, os vestígios linguísticos africanos aparecem em menor proporção do que os indígenas 6/252 e são do bantu, a saber: chapada Candonga, córrego Candonga, comunidade Córrego do Candonga, comunidade Mandinga, comunidade Quilombo, Comunidade São João de Quelé. Um percentual baixo tendo em vista que, até o final do século XIX, a população mineira era formada majoritariamente por negros. Além disso, os africanos tiveram presença marcante na região do Jequitinhonha, principalmente, durante o ciclo da mineração, quando eram os responsáveis pelo trabalho pesado.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, K. S. *Atlas toponímico de origem indígena do estado de Tocantins*. Editora da PUC Goiás, 2010.

BARROS, L. A. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

BEAUREPAIRE-ROHAN. H. P. C. de. *Dicionário de vocábulos brasileiros*. Bahia: Livraria Progresso Editôra, 1956.



BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística* (linguística quantitativa e computacional). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2001.

CASTRO, Y. P. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. 2. ed. Topbooks. Rio de Janeiro, 2005[2001].

CUNHA, A. G. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. Melhoramentos, São Paulo, 1978.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lexikon, Rio de Janeiro, 2010.

DAUZAT, A. *Les noms de lieux: origine et évolution*. Paris: Librairie Delagrave, 1926.

DICK, M. V. P. A. O problema das taxionomias toponímicas: uma contribuição metodológica. In: *Língua e Literatura*, v. 4, p. 373-380. UNICAMP, São Paulo, 1975.

DICK, M. V. P. A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990a.

DICK, M. V. P. A. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo: Impresso pelo Serviço de Artes Gráficas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1990b.

DICK, M. V. P. A. "Atlas Toponímico: um Estudo de Caso". In: *Acta Semiótica et Linguística*, v. 6. São Paulo, 1996.

DURANTI, A. *Antropologia Linguística*. Madrid; Cambridge University Press, 2000.

E. M. *Nos 260 anos de anexação a Minas, Jequitinhonha revela seus contrastes*, 2017. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/jequitinhonha/2017/06/01/jequitinhonha,873524/jequitinhonha-terra-dos-contrastes.shtml>. Acesso em: 27 out. 2022.

FAGGION, C. M.; MISTURINI, B. Toponímia e memória: nomes e lembranças na cidade. *Linha D'Água (Online)*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 141-157, dez. 2014.

FERRAZ, A. P.; FILHO, Sebastião C. S. O. O desenvolvimento da competência lexical e a neologia no português brasileiro contemporâneo. In: FERRAZ, A. P. (Org.). *O léxico do português em estudo na sala de aula*. Araraquara: Letraria, 2016.

GUIMARÃES, A. P. *Vale do Médio Jequitinhonha*. Publicação do Grupo de Trabalho para a pecuária. Belo Horizonte, 1960.

JONASSON, K. *Le Nom Propre. Constructions et interprétations*. De Boeck Superior, 1994.

LEITE DE VASCONCELOS, J. *Onomatologia*. Opúsculos, v. III, Lisboa, 1931.

LIBERATO, R. S. B. ROCHA, C. Mangutando culturas: indígenas construindo segurança alimentar e nutricional no Vale do Jequitinhonha. *Ateliê Geográfico Goiânia-GO*, v. 6, n. 3 (Ed. Especial) Out/2012 p. 95-112.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MENDONÇA, R. *A influência africana no português do Brasil*. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1935.

NASCENTES, A. *Dicionário Ilustrado da língua portuguesa da academia brasileira de letras*. Volumes I, II, III, IV, V e VI. Bloch Editores. Rio de Janeiro, 1976.

NAVARRO, E.A. *Tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo. Global, 2013, p.570.

SAMPAIO, T. *O tupi na geografia nacional*. São Paulo: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1987[1901].

SAPIR, E. *Linguística como Ciência*. Seleção, Tradução e Notas de J. M. Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

SEABRA, M. C. T. C. *A Formação e a Fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: A Toponímia da região do Carmo*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.



SOARES, G. C. *Os Borun do Watu: os índios do Rio Doce*. CEDEFES/MG, 1992.

SOUZA, J. V. A; HENRIQUES, M. S. (Orgs). *Vale do Jequitinhonha: formação histórica, populações e movimentos*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais/PROEX, 2010.

STEWART, G. R. A Classification of place names. Trad. de Erasmo de Almeida Magalhães. *Names, Beckerley*, v. II, n. 1, p. 1-13, mar. 1954.

VELOSO, A; MATOS, A. A rede de cidades do Vale do Jequitinhonha nos séculos XVIII e XIX. *Genomos* 6 (2), Belo Horizonte, 2013.

Envio: Novembro de 2022.
Aceito: Outubro 2023.